

AVC, a vida destruída em minutos

Se não matar, Acidente Vascular Cerebral provoca seqüelas que vão da falta de concentração à dificuldade para falar

Alexandre Machado
Da equipe do **Correio**

A funcionária pública Iolete Guimarães não tinha o que reclamar da vida e procurava desfrutá-la ao máximo. Em junho de 1996, acabara de voltar de uma viagem de quatro meses e estava satisfeita. Um mês depois, quando tomava café com uma amiga, a vida mudou. A boca não mexia. Seus movimentos faciais estavam limitados. Pouco depois, ela estava numa UTI móvel. A senhora, de 70 anos à época, estava sofrendo um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Pode parecer algo distante, um termo entre tantos do vocabulário médico. Pode. Mas também é a causa de milhares de mortes em todo o mundo. “Existem estudos que demonstram ser as doenças vasculares a principal causa de morte natural em todo o mundo, incluindo as doenças cardíacas e cerebrais”, explica o neurocirurgião Márcio Vinhal.

As seqüelas deixadas pelo AVC são as mais variadas. Todas as partes do cérebro estão sujeitas a lesão. Mas, em geral, existem alguns traumas recorrentes: dificuldade de concentração e raciocínio, dificuldade para falar nos mais variados graus e perda de força em um lado do corpo.

O AVC se caracteriza pela falta de oxigênio e nutrientes no tecido cerebral. Há duas razões para essa carência — obstrução dos vasos (AVC isquêmico) ou ruptura (AVC hemorrágico). “Isso leva à lesão definitiva ou parcial das células nervosas cerebrais — os neurônios — em poucos minutos”, esclarece Vinhal. Muitas vezes, o cérebro tenta se defender do acidente vascular. Mas, conforme a extensão do dano, isso pode ser insuficiente para evitar uma seqüela maior. E há uma série de fatores que evidenciam o risco de AVC. Dependendo do tipo de acidente — hemorrágico ou isquêmico — as manifestações anteriores ao problema diferenciam-se.

No AVC isquêmico, há perda da força em um lado do corpo, alteração visual com perda súbita da visão, dificuldade para articular palavras, aumento exagerado da pressão arterial, mal-estar progressivo, perda da consciência, distúrbios do comportamento e coma. No caso hemorrágico, há intensas e súbitas dores de cabeça, vômitos, perda da consciência, paralisia de um lado do corpo, aumento da pressão arterial, dificuldade para articular as palavras e coma.

VÍTIMA FICA SEM OBJETIVO NA VIDA

Constrangimento por dar trabalho aos outros e sensação de impotência tomam conta dos doentes

Boa parte dos sintomas descritos construíram o pesadelo da comerciante Neusa Passatelo, moradora do Guará. Tudo começou com um acidente de automóvel, há seis anos. “Capotei uma caminhonete. Morreram três pessoas, uma amiga de minha filha e um casal que não era da família, mas era como se fosse. Eu estava dirigindo”, conta.

Depois de ficar quase parálitica, a comerciante passou a mancar da perna direita. Além de sofrer uma cirurgia na coluna. No entanto, perdeu mais: seus objetivos de vida.

Mesmo a tristeza incessante não a impediu de ir a uma reunião com o marido, maçom, em Alexânia, três anos depois do acidente. Foi quando sentiu-se mal pela primeira vez. “Eu estava me sentindo cheia. Tinha dores no peito e no braço”, recorda-se Neusa, que foi atendida por um médico amigo no fim da sessão maçom. Todos acharam que deviam ser “gases”. No domingo, continuaram as dores no peito. Na segunda, um dos filhos chamou o médico. Dessa vez, disseram que devia tratar-se de um problema da coluna — operada há três anos. “Então, fui dormir”, comenta Neusa. “Na madrugada, quis levantar para ir ao banheiro. Não consegui me mexer. Meu marido teve que me pegar”, detalha.

Em seguida, vieram os médicos. Depois de algumas ressonâncias magnéticas, uma mudança de hospital e 16 dias de internação, ela voltou para casa. Começava a provação de quatro meses de fisioterapia. “Fiquei muito tempo precisando de enfermeira. Fazia tudo nas calças”, admite, constrangida. Mas o constrangimen-

to de Neusa passou a ser o trabalho que, acredita, dá aos outros. “Não sou muito rezadeira. Sinceramente, não sei quais são meus objetivos. Rezo, mas peço pelos outros, me preocupo com meus filhos — quero que eles vençam”, diz a comerciante. “Estou cansada de dar trabalho aos outros.”

LITERATURA

IMITA A VIDA

O AVC criou uma associação com a arte. O francês Bauby teve um e escreveu o Escafrando e a Borboleta

Fernando Pessoa dizia que o poeta finge sua dor. A dor que deveras sente. Há algum tempo, o AVC foi além do pesar existencial e criou uma funesta associação com a arte. O ano de 1995 foi um marco nessa associação: o português José Cardoso Pires, 70 anos, um dos renovadores do romance lusitano, sofreu um AVC. De seu trauma, surgiu *Valsa Lenta, De Profundis* — relato de uma alma poeta presa num corpo sem movimento. Em outubro de 1998, depois de mais dois AVCs, Pires Cardoso morreu. Veio a liberdade — sem tanta poesia.

Em dezembro do mesmo ano em que o escritor português teve seu AVC, o jornalista francês Jean-Dominique Bauby, de 44 anos, passou por situação idêntica. Editor da revista *Elle* francesa, Bauby dormiu e, ao acordar, não conseguia mexer-se, falar e tinha dificuldades para respirar. O movimento ficou restrito apenas à pálpebra direita. Foi o que o editor precisou para escrever *O Escafrando e a Borboleta*, um relato (o primeiro) do que os médicos chamam de *locked-in syndrome* — preso na síndrome. Para conseguir escrever sua obra, Bauby e um assistente criaram um código próprio a partir dos movimentos de sua pálpebra.

O Brasil teve dois exemplos literários semelhantes. O primeiro, do escritor e jornalista Ignácio Loyola Brandão. O segundo, da farmacêutica Luciana Scotti. Brandão descreve a experiência de *quase* ter passado por um AVC em *Veia Bailarina*. “Tive a sorte ou fui escolhido. Descobri o problema antes dele estourar. É raro. O médico me disse que eu devia colocar as mãos para o céu e cuidar do problema”, conta o escritor.

Mesmo assim, a apreensão de Loyola não foi pouca. Seu aneurisma estava numa veia chamada *bailarina* — um jargão de enfermagem. É bailarina “porque dança, recusa a agulha, tem vontade própria”, nas palavras do autor. “Tive que assinar um papel para que a operação pudesse ser feita. Podia ficar paraplético, um vegetal, sem fala ou cego”, relembra.

Quando terminou a operação, Ignácio de Loyola Brandão passou por uma série de testes corriqueiros. Tipo colocar o dedo no nariz. Algo aparentemente banal, mas que justifica muitas vezes a felicidade do pós-operatório. Antes, Loyola havia feito uma despedida das ruas pelas quais passava todos os dias. Depois da cirurgia, retornou a cada milímetro delas numa conciliação extasiada.

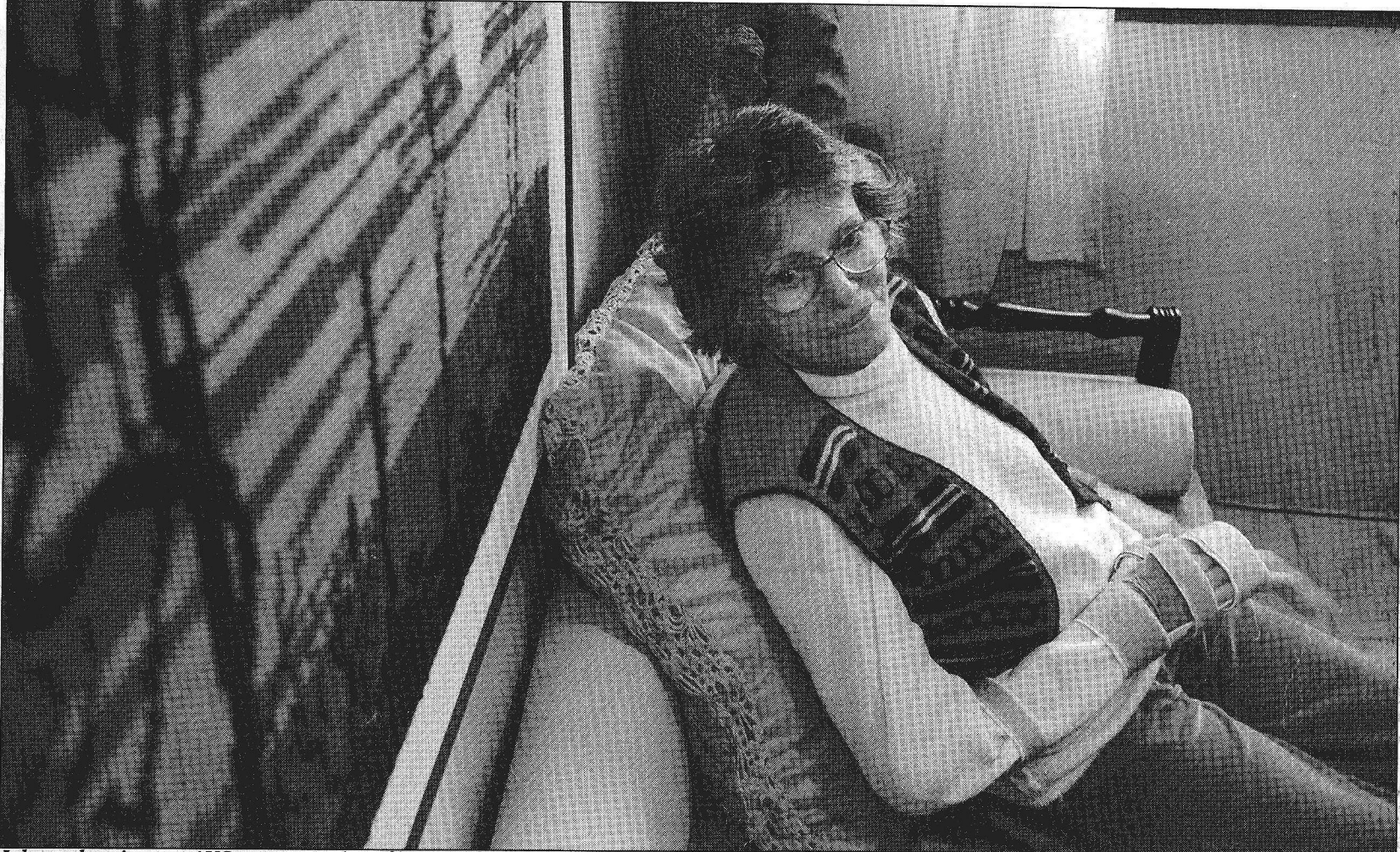
“Olhei com intensidade para aquilo tudo e tudo continuava, mesmo depois da minha operação. Eu me perguntei: por que tanta correria?”, emociona-se. “Passei a diferenciar os problemas grandes dos pequenos. Parei de trabalhar feito um louco, sábados e domingos. O mundo não cai se eu não fechar a revista em que trabalho”, avalia.

Luciana Scotti, autora de *Sem Asas ao Amanhecer*, não teve tempo (nem a sorte) de despir-se das ruas e calçadas em que vagava. “Sofri a trombose no dia 2 de maio de 1994”, lembra a farmacêutica, que dedicou-se a escrever depois de sua paralisia, aos 22 anos. “Enquanto escovava os dentes senti tontura e imediatamente entrei em convulsão, só dando tempo de gritar socorro. Fui levada às pressas, pelos vizinhos, ao pronto socorro. De lá, fui transferida de ambulância para um hospital”, conta.

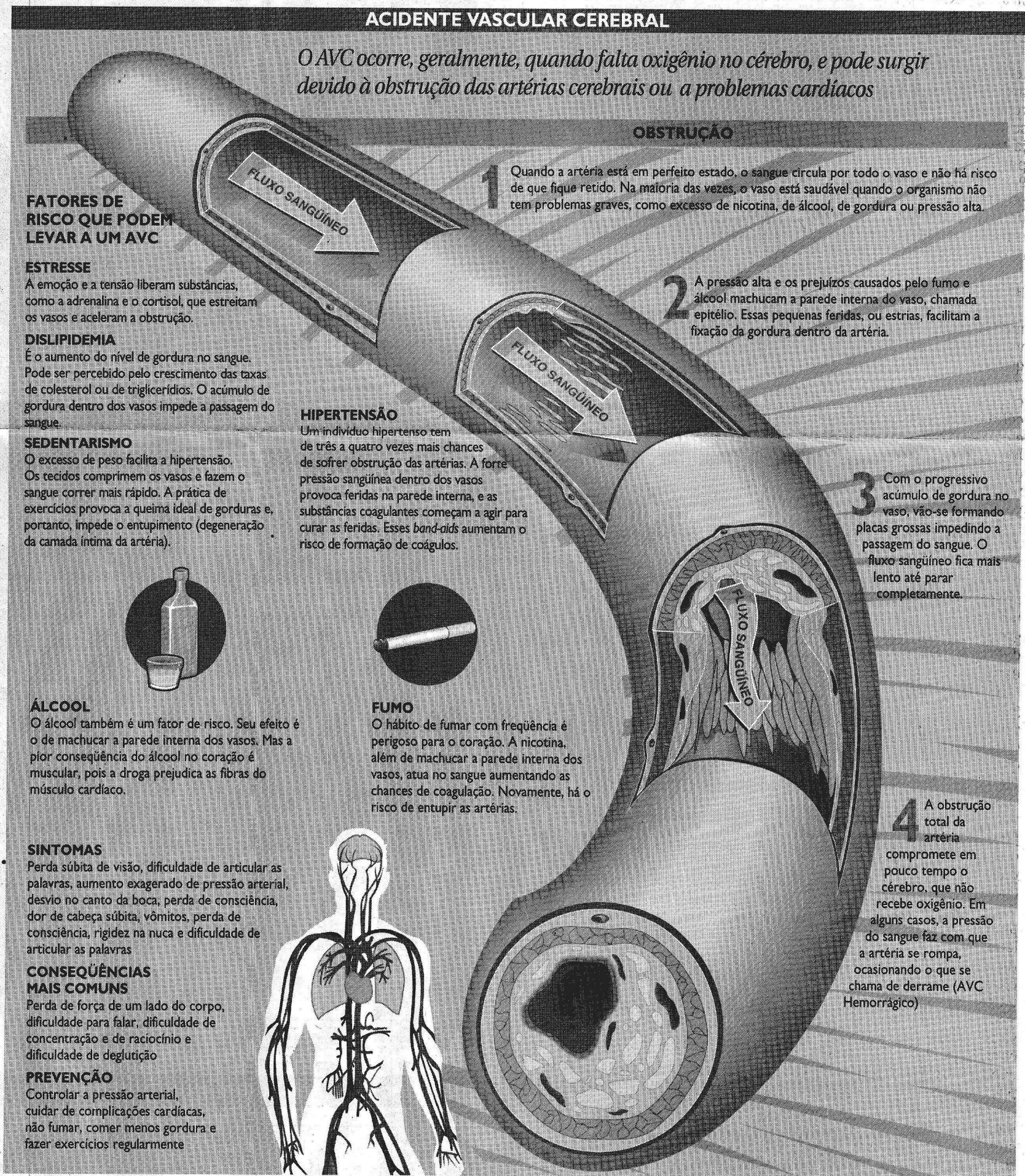
Na madrugada seguinte, Luciana foi para o hospital Albert Einstein. No Santa Isabel, havia sofrido a primeira parada cardiorespiratória. Só no Einstein, após uma ressonância magnética, conseguiram constatar a trombose cerebral. A partir daí, foram duas cirurgias no cérebro, uma traqueostomia, três pneumonias, mais uma parada cardiorespiratória e a ingestão de alimentos por sonda.

As dificuldades diminuíram, no

André Corrêa 13.11.98



Iolete sobreviveu ao AVC, mas mantém a fé: sem culpar Deus por sua condição e comungando todos os domingos, com a hóstia que lhe levam em casa



Editoria de Arte: Rubens Paiva

entanto. Atualmente, Luciana está mais madura. O que a faz sofrer menos com suas perdas. “Sem querer, estou presa dentro de mim, observando a vida e vendo que estamos muito presos a valores supérfluos. Nessa vida, nossa principal missão, é conosco: sermos felizes”, ensina.

Valsa Lenta, De Profundis, de Cardoso Pires, teve um leitor mais atento que os outros. Foi o ministro do Superior Tribunal de Justiça Humberto Gomes de Barros. “Tive um problema no dia 9 de março. Era uma afirmação peremptória de que seria um acidente vascular absolutamente grave. Seria a obstrução de uma artéria importantíssima”, rememora.

Os sintomas começaram com febre alta. O que não impediu o magistrado de trabalhar. Num domingo de manhã, veio a prostração. Ele deitou e ficou na cama todo o dia. Acreditava que era uma gripe forte. No final do domingo, apareceu a falta de

equilíbrio. “Chamou-se o médico e fui para o hospital. Passei, então, a ter certo sintoma, embora acordado, de incoerência. Queria dizer uma coisa e dizia outra. Como estava irrequieto, me deixaram dopado”, detalha. Pelo exame, descobriram o entupimento na artéria que poderia ser fatal.

Suas chances de sobrevivência eram de 10%. Dessa percentagem, 80% apontavam para graves seqüelas. Era esse o quadro clínico: AVC. No dia seguinte, havia ainda a dificuldade de articular as palavras. A partir daí, uma melhora progressiva. Se foi AVC, veio e desapareceu.

O ministro do STJ, porém, não alterou em nada seus hábitos. Continua acordando cedo (às 5h) e dormindo por volta de 23h. “Eu devia ter mais cuidado. Mas não tenho. Não ficou nenhuma seqüela, nem psicológica. Minha irmã, religiosa, diz que recebi um aviso. Mas não recebi nenhum aviso”, afirma. O único momento de

intranquilidade veio com a leitura de *De Profundis*. “Eu me impressionei um bocado. Senti que ele sentiu alguma coisa que eu tive”, reconhece.

ESPERANÇA PARA OS QUE SOFREM

Há medicamentos que conseguem reverter o quadro, desde que o ACV seja detectado logo

Aqueles mais preocupados que o ministro do STJ podem ficar menos tensos. Segundo a neurologista Elza Tosta, existem hoje remédios que podem reverter o quadro do AVC.

“As pessoas precisam ficar atentas ao quadro de Isquemia Cerebral Transitória. Pessoas com dormência no braço, dificuldade para falar devem ser atendidas rapidamente. Exa-

mes de *check-up* também podem evitar os AVC”, orienta.

No momento, medicamentos chamados trombolíticos têm sido responsáveis pela reversão dos quadros. O importante para que eles tenham o efeito desejado é que o AVC seja detectado até três horas após seu início.

Mas Iolete Guimarães, aquela que não abria mão de seu bem viver, não tem noção de métodos modernos para prevenir a doença. Porém, encontrou lá suas receitas — assim como a médica. Religiosa, poupa o Deus em que acredita de questionamentos sobre sua condição. “Em nenhum momento, me perguntei porque isto aconteceu comigo”, diz. Mantém a vaidade, desde o primeiro dia em que entrou no hospital. Comunga com a hóstia que lhe levam em casa. Ainda que não mexa o lado direito do corpo e seja diabética, não abre mão do presente que encontrou depois do AVC: a vida. E outra medicina.